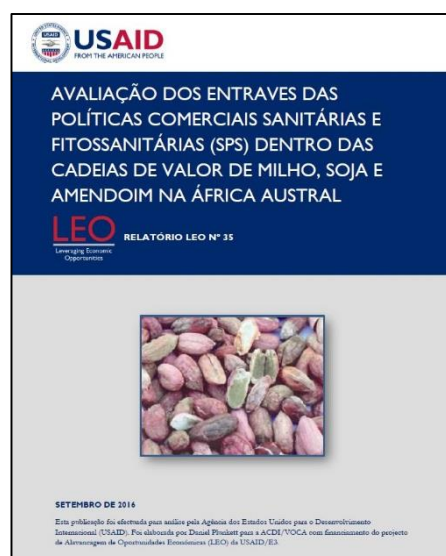


AVALIAÇÃO DOS ENTRAVES POLÍTICOS COMERCIAIS SANITÁRIOS E FITOSSANITÁRIOS (SPS) DENTRO DAS CADEIAS DE VALOR O MILHO, SOJA E AMENDOIM NA ÁFRICA AUSTRAL

RESUMO I: AFLATOXINA: GESTÃO DA CONTAMINAÇÃO NO AMENDOIM E NO MILHO ATRAVÉS DE MERCADOS ALTERNATIVOS E ELIMINAÇÃO ADEQUADA

O Ofício para a Segurança Alimentar da USAID encomendou o estudo *Avaliação dos Entraves Políticos Comerciais Sanitários e Fitosanitários (SPS) dentro da cadeia de valor do milho, soja e amendoim na África Austral* através do projecto [Alavancagem de Oportunidades Económicas \(LEO\)](#)¹. O estudo é uma das três avaliações regionais realizadas nas regiões da África Oriental, Austral e Ocidental para identificar os principais entraves relacionados com SPS ao comércio nas cadeias de valor de Alimentar o Futuro, e especificar as oportunidades de investimentos potenciais relacionados com SPS. O estudo para a África Austral tem como alvo quatro países: Malawi, Moçambique, África do Sul e Zâmbia. O estudo identificou a aflatoxina como um dos principais problemas de SPS; este resumo destaca formas de gerir a contaminação no amendoim e no milho, particularmente centralizado na eliminação adequada e nos mercados alternativos.



PANORÂMICA DA SITUAÇÃO

Amendoim e milho com níveis excessivamente elevados de aflatoxina são perigosos para os seres humanos ou alimentação animais, mas sob o actual sistema de regulação, os alimentos contaminados normalmente voltam para a cadeia alimentar humana e animal. A incineração de alimentos contaminados com aflatoxina é difícil de ser garantida devido à falta de compensação para o produto, o alto custo da incineração e o potencial desvio em direção as populações mais pobres. As opções de eliminação alternativas são principalmente desinteressantes, incluindo a incorporação em pequena escala em alimentos para animais poligástricos, mistura limitada em manteiga de amendoim em combinação com produtos de baixo nível, fabrico de etanol ou a produção de electricidade por biomassa. A eliminação é uma questão de segurança alimentar que não recebe a devida atenção dos ministérios da saúde e da agricultura. Uma comissão interministerial ao nível da COMESA ou da SADC poderia ser designada para auxiliar actores do setor público e do privado para encontrar soluções adequadas no âmbito de um Código Voluntário de Boa Conduta. Durante este estudo, aprendemos que houve exemplos frequentes de amendoim e de milho considerados contaminados com níveis excessivamente elevados de contaminação

¹ Para mais informações sobre o projecto LEO e para aceder aos estudos completos para a África Oriental, Ocidental e Austral, visite www.microlinks.org/leo.

por aflatoxinas. Tal deve-se à falta de testes de aflatoxina e à falta de controle em respeito a qualidade necessária para consumo doméstico de milho e amendoim.

A actual estruturadora envolve a definição para cada país de um nível de tolerância ao risco² e qualquer nível de aflatoxina; tudo produto acima do inaceitável não pode ser negociado e deve ser destruído. No entanto, a realidade é que a maioria dos grãos contaminados acaba sendo consumido dentro das cadeias de valor humano e animal. Outras técnicas de eliminação incluem o aterro no solo misturado com cal, o despejo em lagos, nos rios ou no mar ou o simples lançamento em lixeiras na periferia urbana, mas estes não são os resultados ambientais aceitáveis.

MERCADOS ALTERNATIVOS PARA GRÃOS CONTAMINADOS

As diferentes opções a seguir existem para saber como encontrar uma saída para matérias-primas contaminadas. O relatório de SPS da África Austral LEO ressalta a necessidade de realizar um estudo aprofundado para esquematizar os custos e benefícios desses mercados alternativos. Também existem outras preocupações sobre a segurança desses usos diferentes.

- 1) Descasque, separação e pelagem de amendoins** – Para os amendoins, separar a casca do amendoim dos grãos interiores durante o descasque mecânico é um método de reduzir a exposição à aflatoxina. A separação manual pode reduzir muito o risco, removendo os que estiverem deformados, murchos ou enrugados. No entanto, em vez de serem destruídos, os amendoins de baixa qualidade são frequentemente vendidos a um preço baixo ou simplesmente oferecidos aos segmentos mais pobres da população, o que representa maior perigo para os seres humanos e animais, dado que os grãos de baixa qualidade, depois de ser separados, têm um nível concentrado de contaminação por aflatoxina. Os fabricantes de manteiga de amendoim na África do Sul relatam níveis inferiores de aflatoxina a partir do branqueamento, permitindo-lhes a mistura numa quantidade maior de produto.
- 2) Alimentação animal para animais de grande porte** – O uso de milho ou de amendoim contaminado por aflatoxina na alimentação animal pode ser prejudicial tanto para animais como para seres humanos que consomem produtos animais resultantes. Tal como o que acontece com as crianças, em qualquer animal, a presença de aflatoxina irá contribuir para baixas taxas de crescimento que, na competitiva indústria do sector do gado, resultam em custos totais mais elevados. As aves parecem particularmente susceptíveis à aflatoxicose ou simplesmente são influenciadas negativamente pelo consumo de ração contendo aflatoxina. Bovinos, ovinos e caprinos parecem ser mais capazes de digerir ingredientes alimentares com níveis mais elevados de aflatoxina do que animais menores, como galinhas, patos ou porquinhos-da-índia. A partilha de alimentos contaminados, que podem ser agrupados numa mistura alimentar, tem de ser cuidadosamente monitorizada, o que é difícil nos mercados de alimentos para animais que são bastante desorganizados na África do Sul. O vendedor de milho contaminado para alimentação animal certamente deve comunicar o facto ao comprador, o que leva inevitavelmente a um preço menor.
- 3) A produção de electricidade por biomassa ou o fabrico de etanol** são possibilidades, mas a indústria de biomassa ainda está numa fase inicial. O Malawi produz 300.000 toneladas de etanol derivado do milho, mas a maior parte do etanol da região é baseado em melaço de cana-de-açúcar, com os Produtores de Etanol da África do Sul (EPSAS), um agrupamento dos sete principais produtores.

A INCINERAÇÃO É A ÚNICA MANEIRA?

A maneira mais eficaz de destruir o milho contaminado é através de uma instalação de incineração credenciada. Entretanto, em muitos países em África, estas só são instaladas para gerir resíduos médicos e

² No milho, o nível de CODEX é de 10 partes por mil milhões (ppb); para os amendoins, alguns países têm um padrão de 15 ppb.

não conseguem lidar com maiores volumes. Seria necessário realizar um investimento significativo para lidar com grãos contaminados: primeiro, na gestão do grão, logo que seja identificado como contaminado (rastreadibilidade); segundo, em sistemas para isolar o carregamento contaminado durante as fases de processamento para assegurar o uso apropriado. Poderia haver oportunidades de explorar a cooperação entre os sectores público-privado para criar um serviço de incineração; no entanto, permanece a pergunta sobre como grãos contaminados seriam identificados e quais incentivos os produtores receberiam para entregar os seus grãos para incineração.

Além disso, para um abastecimento alimentar mais seguro, os países do sul de África precisam aumentar a frequência de amostragem e os testes de aflatoxina no milho e no amendoim. Para fazer isso, as taxas para a realização de testes devem recuperar o seu custo real, para que os laboratórios possam permanecer equipados com compras regulares de produtos consumíveis, tais como as tiras de testes e o reagente químico necessário, que se tornam perecíveis no prazo de 3 meses. A abordagem à questão de como eliminar alimentos contaminados de forma segura precisa fazer parte do planeamento global na melhoria dos testes e na sua execução.

TOMAR MEDIDAS A NÍVEL REGIONAL COM UM CÓDIGO DE BOA CONDUTA

Em consonância com suas estratégias regionais de fitossanidade, saúde animal e segurança alimentar, a COMESA e a SADC estão em posição de ajudar os respectivos países-membros na elaboração e na adopção de um Código de Conduta ao qual os governos nacionais e os operadores privados poderiam concordar em aderir, especificando o leque de opções disponíveis aceitáveis para eliminação pelos organismos públicos e pelos actores do sector privado. A COMESA e a SADC estão a promover um nível máximo único de aflatoxina para o milho de 10 partes por mil milhões (norma Codex), mas as normas regionais devem especificar que isto é para consumo humano e definir os níveis de tolerância por animal para uso como alimento, juntamente com procedimentos de mistura adequados.³

O diálogo com múltiplas partes interessadas e pesquisas adicionais em cada país seriam necessários antes da aprovação de tal Código. Após a adopção, seria necessária uma maior sensibilização para o problema da aflatoxina, opções disponíveis para a eliminação de alimentos contaminados e a implementação de mecanismos de controle para garantir a adesão ao código. O Código de Boa Conduta poderia ser elaborado com base nas directrizes internacionais de prevenção e redução da contaminação por aflatoxina em amendoins emitidas pelo Codex Alimentarius, integrado por Moçambique na sua legislação nacional sobre normas e padrões, como a NM 77 de 2008.

Limitação de responsabilidade: Este documento foi produzido por análise para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Foi preparado pela ACDI/VOCA através do contrato de Alavancagem de Oportunidades Económicas. As opiniões expressas neste documento não reflectem necessariamente a opinião da USAID ou do governo dos Estados Unidos.

³ O nível aceitável pela Administração de Alimentos e Medicamentos (FDA) dos EUA para operações de acabamento de carne é 15 vezes maior que para qualquer animal jovem e gado leiteiro. Sendo assim, o tamanho e a idade do animal devem ser levados em consideração, juntamente com o grau de proximidade com a cadeia alimentar humana.